

ORGANIZADO PELO CENTRO DE FORMAÇÃO "A TERRA E A VIDA" - APPBG

## Biblioteca Municipal expõe registo documental de uma viagem exploratória à África Oriental

Ilustrações por diversos mapas e registos fotográficos, aspetos dos ecossistemas costeiros do litoral da África Oriental Tropical e ainda outros relacionados com a forma de vida das populações



“Uma viagem de professores à África Oriental durante a década da Biodiversidade 2011-2020” foi documentada em centenas de fotografias, muitas das quais podem ser vistas agora na Biblioteca Municipal de Cantanhede, até dia 30 de setembro.

Organizada pelo Centro de Formação “A Terra e a Vida”, da Associação Portuguesa de Professores de Biologia e Geologia (APPBG), com a coordenação do Professor Doutor Jorge Paiva, do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra, a viagem exploratória teve a participação de 45 professores. Foram vários os objetivos que o grupo de propôs atingir, designadamente, entre outros, dar a conhecer a savana do Litoral da África Oriental Tropical, comparar os ecossistemas costeiros dessa região africana com os europeus (mangal versus sapal, dunas tropicais versus dunas europeias), descobrir o património biológico, material e cul-

tural da África Oriental Tropical, bem como conhecer os ecossistemas costeiros da floresta aberta (o coralígeno, o mangal, o dunar banhado pelo oceano e o dunar fixo por pequenos bosques de arbustos e palmeiras).

“Uma viagem de professores a África Oriental durante a Década da Biodiversidade 2011-2020” revela, de forma profusamente ilustrada por inúmeros mapas e registos fotográficos, aspetos dos ecossistemas costeiros do litoral da África Oriental Tropical e ainda outros relacionados com a forma de vida de algumas populações dessas regiões.

A exposição organizada em 24 placares informativos sobre os resultados científicos de uma expedição que um grupo de docentes realizou a Moçambique, no âmbito da ação de formação com o título “A relevância da biodiversidade dos ecossistemas costeiros de baixa altitude (Miombo) e savanas do litoral da África Oriental Tropical”.

## Projeto Linhas Cruzadas leva animação cultural à baixa de Coimbra

Guerrilheiros vão procurar “reclamar o espaço público como espaço de protesto” e as suas ações interferir nos “hábitos” da baixa da cidade

O projeto Linhas Cruzadas, que une quatro instituições culturais de Coimbra, promove, a 13 e 14 de setembro, a iniciativa “Território Dentro de Nós”, na baixa da cidade, com uma programação que inclui música, teatro e vídeo.

Na sexta, dia 13, o programa abre com a instalação sonora Áudio-Crise, na esplanada do café Santa Cruz, constituída por seis pontos de escuta, seis leitores de música e auscultadores “onde os transeuntes podem parar por alguns minutos para escutar pequenas narrativas sobre a crise financeira, contadas por várias crianças de Coimbra”. No mesmo dia e no domingo, o Largo do Poço recebe outra instalação, esta intitulada “Paisagens Sonoras do Centro Histórico de Coimbra”. No Largo do Romal decorre uma proposta teatral do Bando à Parte - projeto de formação de jovens adolescentes do Teatro - centrado nos habitantes do largo, oriundos de muitos lugares, “alguns de paragens distantes”, outros que ali viveram “a vida toda”, refere o documento da produção.

Para sábado, as ruas da baixa de Coimbra, em locais não revelados, uma das propostas passa por “pequenas performances” de Guerrilha Urbana, a cargo da Casa da Escrita: os guerrilheiros vão procurar “reclamar o espaço público como espaço de protesto” e as suas ações interferir nos “hábitos” da baixa da cidade. “Não se espante se esta equipa de guerrilheiros urbanos aparecer de surpresa, sem pré-aviso, e armada com mapas, câmaras de vídeo, livros e vários objetos saídos de outro tempo, raptar os cidadãos e armar novos guerrilheiros do quotidiano para a luta que se avizinha”, avisaram os promotores.

A Praça do Comércio recebe, nas noites de sábado e domingo, a projeção, denominada ‘Urbanscapes’, de uma coleção de quatro vídeos, promovida pelo Círculo de Artes Plásticas e “Um Salão no Coração da Baixa” é o lema para as visitas guiadas ao Salão Brazil, sede do Jazz ao Centro Clube, que decorrerá durante o próximo fim de semana. O Salão Brazil será ainda palco de dois concertos: na noite de sábado atuam os brasileiros Tião Duá, trio de jovens músicos originário de Minas Gerais, que junta composições originais a canções clássicas da música popular brasileira das décadas de 60 e 70.

No domingo, sobe ao palco Laura Lopes, natural de Belo Horizonte (Brasil), cantora e compositora cujo álbum de estreia foi lançado o ano passado. CALUSA

## Visitantes de toda a região (a)provaram a Feira do Pão e da Broa

Pedro Fernando, coordenador do certame, ficou satisfeito pela afluência na primeira edição

> CARLA ASSUNÇÃO, TEXTO E FOTO



O bom tempo que se fez sentir, no passado fim de semana, foi motivo para dezenas de visitantes passarem no lugar das Franciscas e provar o pão e a broa “quentinho”, a sair do forno a lenha. No meio rural, as tradições de cozer o pão em casa, o semear o milho e o trigo para fazer a farinha são fazeres doutros tempos, mas recordados no presente. A 1.ª Feira do Pão e da Broa, organizada pela Associação Grupo Musical das Franciscas, serviu de mote para divulgar os costumes de um povo destinado a cultivar a terra para sobreviver e marcar a história local.

Uma máquina manual para debulhar o milho com data de 1808 foi o centro das atenções dos mais velhos, que recordavam o manuseamento, enquanto os mais novos descamiavam as espigas ali no chão. De longe, uma senhora acenava e o olhar despertava alguns conhecimentos naquelas lidas e, até chegar a ela, alguém revelou que foi a última moleira da terra. Dedicada à arte de moagem há mais de 60 anos, “Tia Olinda”, mais conhecida assim nas redondezas, de 81 anos, passava todos os dias no moinho das Franciscas. “A minha vida foi sempre moer...saía de casa de madrugada e voltava à noite”, falou Olinda de Jesus Pessoa, partilhando que aprendeu com a mãe e as tias, também moleiras do mesmo moinho, com mais de 400 anos. Confessou que há dois anos, altura em que fraturou uma perna quando limpava a presa, que nunca mais lá voltou. “Não tenho coragem de lá

voltar...é uma tristeza muito grande ao saber que não há ninguém a produzir farinha”, disse quase a chorar, lembrando que naquele tempo preparava grandes quantidades de farinha para a Póvoa da Lomba.

“Este ano, a feira correu bem, tendo em conta que para o ano a ideia é apostar com mais atividades ligadas aos padeiros”, asseverou Pedro Fernando, coordenador do certame, satisfeito que muitos visitantes vieram de outras terras vizinhas e (a)provaram o pão e a broa, à venda na tenda ao lado, dinamizado pela padaria São João. Nos cestos encontrava-se uma variedade de pão e de broa para todos os gostos. “Todos os dias, o pão de Deus esgotava em minutos...também a pada grande feito de trigo com casca, o que faz este pão mais escuro, foi muito escolhido pelos visitantes”, afirmou Dina Branco, dando a conhecer a broa de milho, os “paezinhos”, o pão de centeio e as famosas broas com sardinha ou com chouriço, também confeccionados a toda a hora pelos padeiros associados ao evento gastronómico.

Durante a manhã de domingo, e integrado no programa, cerca de 30 pasteleiras rumaram pelas aldeias vizinhas, naquela que foi dinamizada como Rota de Padeiros e Moinhos. Entre Tarelhos, Lírios e Franciscas existem 20 moinhos, porém nenhum funciona dado que a água nas valas não assegura as melhores condições.